



Coleção
Raízes do Futuro

01

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BANANAL

JECEABA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras (Comunidade)

Letícia Fernandes, Vitória Souza.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves,
Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares
Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro,
Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BANANAL

JECEABA - MG

Localização da Comunidade

A Comunidade Quilombola do Bananal está localizada na zona rural do município de Jeceaba, a aproximadamente sete quilômetros da sede, entre a Serra do Mato Félix e o Rio Paraopeba. Em levantamento realizado em setembro de 2025, foram identificadas aproximadamente 26 famílias residentes na localidade.

O município está localizado na Microrregião de Congonhas, na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, a uma distância aproximada de 112 km da capital mineira. A região possui uma rica e complexa trajetória marcada pela presença negra, pela resistência à escravidão e pela formação de comunidades quilombolas ao longo dos séculos.



História

O Quilombo do Bananal teve origem no final do século XIX, com a chegada ao território de três mulheres negras escravizadas: Ana Maria de Jesus (conhecida como Tia Aninha), Basília e Balduína. Elas fugiram de uma fazenda na região da Zona da Mata, então parte da Província de Minas Gerais, em busca de liberdade. As três chegaram ainda jovens, durante o período da escravidão, e se tornaram as matriarcas da comunidade.

Dona Balduína faleceu atropelada por um trem, quando voltava do trabalho em fazendas da região. Antes disso, teve uma filha, Maria Balduína, que teve vários filhos. Seus descendentes ainda vivem no território. Já Dona Basília teve dois filhos, José e Marcelino, e seus netos atualmente moram na cidade de Jeceaba.

Ana Maria de Jesus é uma das moradoras antigas da qual mais se conseguiu resgatar a história. Ela se casou com o senhor Agripino Pereira, com quem teve cinco filhos: Petrina, Juvercino, Sebastião, Geraldo e Petrolina.

Agripino Pereira veio de Coqueiro de Espinho, onde seus pais, Martim Monteiro e Gabriela (de origem indígena), viviam. Com o tempo, as famílias descendentes das matriarcas passaram a se relacionar com descendentes de Martim Monteiro. Por isso, alguns dos principais sobrenomes da comunidade hoje são: de Jesus, Monteiro, Fernandes, Pereira e Martins.

Já Tia Aninha viveu por muitos anos no Bananal, onde faleceu aos 116 anos de idade. Um de seus netos, o senhor Paulino Fernandes da Silva, filho de Petrina Maria de Jesus, hoje com 67 anos, vive no território da Comunidade Quilombola do Bananal e relata a história de sua família.

Segundo Paulino, Tia Aninha trabalhou durante muitos anos nas fazendas de café da região. Ele conta que ela tinha uma marca de ferro quente no braço direito, com as iniciais



■ O casal Paulino Fernandes da Silva e Ivone da Rocha Silva.



■ Petrina Maria de Jesus.

A.M.J., feita na época em que ainda era escravizada. Além disso, ela também relatava com tristeza a lembrança de um capataz chamado Barão, que, embora também fosse escravizado, tinha a função de vigiar os outros cativos.

Outro dos filhos de Ana Maria foi Sebastião Monteiro, conhecido como Roxo, que se casou com Conceição Cândida de Jesus. O casal constituiu família e deixou descendentes, entre eles Pedro Monteiro Valter e Wandelci Monteiro.



■ Conceição Cândida de Jesus e seu filho Wandelci Monteiro.



■ Pedro Monteiro Valter.

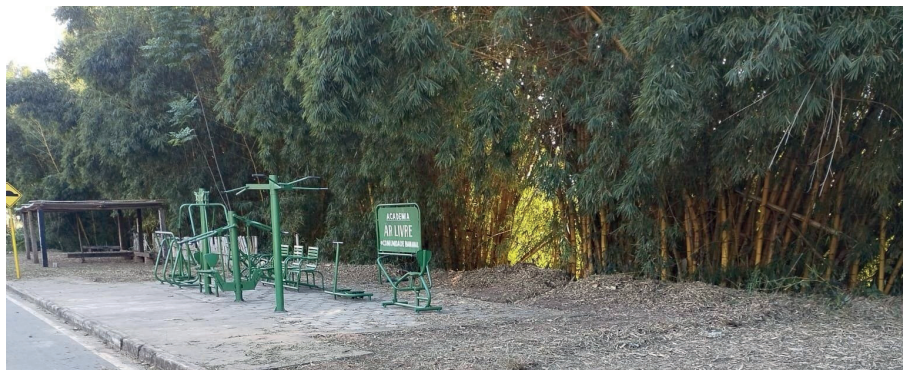
Também filho de Ana Maria, o senhor Geraldo Pereira nasceu e foi criado no Quilombo do Bananal. Casou-se com Gerarcina de Jesus Pereira, com quem teve filhos que ainda hoje vivem na comunidade.



■ Geraldo Pereira e Gerarcina de Jesus Pereira.

O local onde as primeiras moradoras construíram suas casas foi escolhido por oferecer condições favoráveis para a sobrevivência das famílias. Era uma área rica em água, com nascentes, cachoeiras e rio, que serviam tanto para o consumo quanto para higiene, uso doméstico e pesca.

Além disso, o território fica em uma baixada cercada por serras — uma característica comum em muitos quilombos — o que o tornava um local estratégico para quem estava fugindo e precisava se esconder. O nome “Bananal” veio da grande quantidade de bananeiras existentes nas várzeas próximas ao rio Paraopeba. Com o tempo, por causa das cheias e do risco de alagamento, os moradores passaram a plantar bambus no lugar das bananeiras, para ajudar no controle da água.



■ Bambuzal às margens do rio Paraopeba no Quilombo do Bananal.

Durante muitos anos, os moradores do quilombo trabalharam nas fazendas vizinhas em troca de comida, especialmente na Fazenda Boa Vista e na propriedade que pertencia a Sebastião Augusto. Os mais velhos recordam esse período com tristeza, relatando as humilhações sofridas. Os patrões pagavam o que bem queriam, deixando os quilombolas inseguros e desamparados. Muitas vezes, a única forma de pagamento eram os restos de comida das fazendas — aceitos com resignação, pois garantiam algo para alimentar os filhos ao chegar em casa.

Em um desses dias, antes de retornar para casa, uma das mulheres quilombolas ouviu da sinhá a frase que ficou marcada na memória da comunidade: “Pode ir embora, que hoje não tem lavagem para você levar para os seus porcos.” Mas aquela comida, desprezada pela sinhá, era o sustento que a trabalhadora levava aos próprios filhos.

Em uma história de muita resistência, o saber tradicional permanece vivo no quilombo, especialmente com as benzedadeiras, que aprenderam com mães e avós e seguem transmitindo esses conhecimentos. As antigas guardas de Congo, Moçambique e Marujo — manifestações culturais

típicas dessa região de Minas Gerais — não existem mais na comunidade.

Em 2021, com o apoio de um projeto de extensão da PUC Minas, os moradores iniciaram o resgate da sua história e o processo de autorreconhecimento como comunidade quilombola, adotando oficialmente o nome de “Comunidade Quilombola do Bananal”. Esse reconhecimento foi confirmado em maio de 2025 pela Fundação Cultural Palmares (FCP), com a emissão do certificado e o registro no Livro de Cadastro Geral da instituição.

Apesar de sua organização social ainda ser recente em termos formais, a comunidade vem buscando fortalecer cada vez mais suas formas de organização. Entre as expectativas para os próximos anos estão a criação de uma associação quilombola e a elaboração do seu protocolo de consulta livre, prévia e informada — um direito garantido pela Convenção 169 da OIT.



■ Reunião dos moradores do Quilombo do Bananal.

Território

A comunidade é formada por 26 famílias e se reconhece como um grupo étnico com forte vínculo com a terra e com a prática da agricultura de subsistência. Valoriza o resgate dos saberes tradicionais, mantém uma estrutura familiar e comunitária fortalecida e preserva uma relação histórica com o território.

Atualmente, o quilombo ocupa apenas uma pequena parte do que originalmente era seu território. De um lado, é cercado pelo rio Paraopeba; de outro, é cortado ao meio pela linha férrea operada pela empresa MRS. O principal acesso à comunidade é por estrada asfaltada, mas ainda existem caminhos alternativos de terra batida. As casas se concentram em uma rua principal, além de algumas moradias localizadas no chamado “Bananal de Cima”, que fica acima da linha do trem.

No ano de 2024, alguns representantes quilombolas que fizeram parte do projeto Raízes do Futuro desenharam como era o Quilombo do Bananal antigamente e como ele está na atualidade.



■ Mapa atual da Comunidade Quilombola do Bananal.



■ Mapa antigo da Comunidade Quilombola do Bananal.

Nos quintais, os moradores cultivam hortas com uma grande variedade de alimentos, como alface, couve, almeirão, mostarda, repolho, berinjela, cenoura, beterraba, tomate, abobrinha, abóbora, pepino, chuchu e quiabo. Nas áreas de uso coletivo, destacam-se uma pequena academia ao ar livre e o próprio rio Paraopeba, que também faz parte do cotidiano.

Os moradores recordam que, antigamente, havia diversos espaços de lazer, como o campo de futebol, cachoeiras e lagoas, onde as famílias se reuniam para momentos de convivência e descanso. Além das hortas, cultivavam plantações de milho, arroz e feijão. O milho era utilizado para alimentar porcos e galinhas, além de ser moído para a produção de fubá. Também havia o cultivo de cana-de-açúcar, usada tanto para o consumo do caldo quanto para a produção de cachaça e rapadura. A rapadura tinha papel essencial no dia a dia, pois servia para adoçar o café e outras preparações, numa época em que o açúcar refinado ainda não fazia parte dos hábitos de consumo da comunidade.

Um dos marcos mais antigos, que remetem ao período antigo do Bananal, são as ruínas de um muro de pedras, que também foram retratadas nos mapas elaborados.



■ Muro de pedras no território do Quilombo do Bananal.

Dentro do território quilombola também há um cemitério de escravizados, mas ele não pode ser acessado, pois está em terras que hoje pertencem a pessoas de fora. Ao longo do tempo, os quilombolas perderam grande parte de seu território para fazendeiros e empresas mineradoras.

No local há também uma capela dedicada a Nossa Senhora das Graças, padroeira da comunidade. A maioria dos moradores pratica sua fé nesse espaço, que fica atualmente numa região conhecida como Mato Félix.

Uma linha férrea atravessa o território do Bananal. Há registros de moradores que perderam a vida ao tentar cruzá-la. Mesmo com o risco, a travessia da linha ainda é necessária para o deslocamento dentro da própria comunidade.

O acesso à água potável é um problema histórico no Quilombo do Bananal. Apesar de ser um direito fundamental, a comunidade não dispõe de abastecimento adequado para consumo humano, nem para uso nos quintais produtivos.

Muitos moradores dependem de água coletada em uma mina localizada em propriedade privada, o que exige grande esforço e não supre as necessidades. Outras famílias utilizam água de um córrego, que chega contaminada por esgoto de áreas vizinhas.

Há alguns anos, o governo municipal implantou um sistema de captação e distribuição, mas ele se mostrou insuficiente: não atende todas as residências, apresenta baixa pressão e volume, especialmente no período seco, e a água, quando chega, é frequentemente barrenta e sem controle de qualidade.

Apesar de tudo, o Quilombo do Bananal mantém viva sua história e identidade, resistindo às perdas territoriais e às dificuldades do presente.

Economia e sociedade

No aspecto econômico, destacam-se as entradas, representadas por bens e serviços que não são produzidos dentro da comunidade e, por isso, precisam ser adquiridos em outras localidades, principalmente no comércio do município de Jeceaba. Entre os principais itens comprados estão alimentos industrializados como arroz, feijão, macarrão e óleo. Além desses, combustível para veículos particulares como motos e carros, despesas com energia elétrica, internet e outros serviços considerados essenciais para o dia a dia das famílias.

Já as saídas, que dizem respeito aos recursos que a comunidade oferece para fora, incluem principalmente a força de trabalho dos moradores. Muitos prestam serviços remunerados em outras localidades, atuando em comércios, na prefeitura, em mineradoras e também em trabalhos informais. Em relação à qualificação profissional e ao acesso à educação, os moradores também precisam buscar esses recursos fora do quilombo, já que não há essas ofertas dentro do território.

A comunidade conta com uma associação local, cujos principais membros têm discutido a possibilidade de transformá-la em uma associação quilombola. Também há a intenção, entre parte dos moradores, de encerrar a atual associação para fundar uma nova, que represente com mais fidelidade a identidade da comunidade como remanescente de quilombo.

Nos últimos anos, os moradores têm buscado articulações com instituições e parceiros comprometidos com a defesa dos direitos quilombolas. Entre eles, destacam-se o CEDEFES, projetos de extensão da PUC Minas (como a Rede de Advogados Luiz Gama e o projeto “A luta pelo reconhecimento dos direitos fundamentais das comunidades remanescentes de quilombo”), a Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais – N’Golo, além de outras comunidades quilombolas do Vale do Paraopeba.

Em nível local, a Igreja Católica também exerce papel importante na integração da comunidade, principalmente por meio de grupos de oração e da celebração da Festa de Nossa Senhora das Graças, padroeira do quilombo, realizada no último sábado de novembro.



■ Capela de Nossa Senhora das Graças.



■ Primeira comunhão na Capela Nossa Senhora das Graças no Quilombo do Bananal.

Em meio aos desafios enfrentados, a Comunidade Quilombola do Bananal segue reafirmando sua existência, história e identidade, com coragem e dignidade. O reconhecimento oficial como comunidade quilombola representa um passo importante na luta por direitos historicamente negados, mas também impõe a urgência de garantir condições dignas de vida para seus moradores, especialmente no que se refere ao acesso à água, ao território e à valorização de seus modos de vida e saberes tradicionais. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

